

ÍNDIOS ISOLADOS (Final)

Guaranis aguardam demarcação das terras



Diversão: as brincadeiras das crianças guaranis da reserva de Guarani Votouro misturam-se ao aprendizado de costumes antigos

Apenas uma das 14 reservas guaranis espalhadas pelo Rio Grande do Sul está demarcada. A aldeia Guarani Votouro, em São Valentim, no Norte do Estado, é o único porto seguro de um povo acostumado ao nomadismo. Na segunda e última reportagem da série iniciada ontem, Zero Hora mostra como vivem os índios de Votouro e das aldeias improvisadas na beira das rodovias gaúchas.

ÂNGELA RAVAZZOLO

O veado corre pela mata até ser pego por uma armadilha. Assustado, com a pata presa, o bicho tenta em vão soltar-se. Satisfeitos, os índios correm até a armadilha e matam o animal a pauladas. O cacique João Antônio da Silva costuma encher o peito para exaltar, em histórias como essa, a habilidade dos caçadores da reserva de Guarani Votouro, em São Valentim, no Norte do Rio Grande do Sul. Reverência a prática herdada dos ancestrais e, ao mesmo tempo, debocha da ambigüidade da palavra. "Veados pode ser outra coisa também", brinca, unindo por alguns instantes os costumes de índios e brancos.

A área localizada no Planalto é a primeira e a única no Estado a ser demarcada pela Fundação Nacional do Índio (Funai) para uso dos guaranis. Os colonos que desde a década de 60 plantavam na região estão sendo indenizados e aos poucos deixam o local. O cacique comemora a vitória de uma batalha sem confrontos.

"Nossos filhos vão ter um lugar garantido para plantar", resume. "A área pertencia aos índios e agora está sendo recuperada de vez", confirma Glênio Alvarez, coordenador regional da Funai em Passo Fundo. Só falta o Ministério da Justiça homologar a demarcação.

A aldeia de Guarani Votouro é a única no Estado onde as crianças frequentam a escola e aprendem português. A poucos metros das casas de troncos da tribo, um prédio de concreto abriga salas de aula. A Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Toldo Guarani tem turmas até a 4ª série. "Acho melhor eles aprenderem a língua dos brancos", argumenta o cacique. "Não adianta ficar totalmente isolado."

O arqueólogo José Otávio de Souza, professor-substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, explica que as relações dos guaranis com a sociedade dos "homens brancos" variam muito de um lugar a outro. "Como o meio ambiente já não fornece aos índios os recursos para a sobrevivência, eles se adaptam

a essa crise de diferentes formas", observa.

As 20 famílias de Guarani Votouro também se relacionam sem problemas com a tribo caingangue da reserva vizinha. Há 2 mil anos caingangues e guaranis eram inimigos. Depois de conquistarem as terras, os guaranis costumavam devorar os adversários, para sugar-lhes a força e o poder. "Hoje não temos problemas com os caingangues", resume o cacique, que é casado com uma índia descendente dessa tribo.

Ao contrário dos antigos rivais, que fecharam estradas e organizaram protestos para acelerar o processo de desapropriação das terras dos colonos, os guaranis não entraram em confronto com os assentados. "Eles nunca nos incomodaram", conta Nilson José Cuser, representante dos pequenos agricultores da região. Pacientes, os índios esperam a saída dos "brancos" e organizam a transferência.

Na aldeia, a maioria das famílias fala com entusiasmo sobre a mudança para as casas com quartos, camas e banheiros, construídas pelos colonos. Laurinda Borges, uma das mais velhas da reserva, é exceção. Ela não quer se mudar para casas com fogão — pois teria de dispensar o fogo de chão. Com o marido, pensa em reconstruir, com troncos e taquaras, uma nova casa, tipicamente guarani.

Hierarquia familiar tem destaque nas aldeias

À beira de um pequeno açude, na reserva indígena de Pacheca, em Camaquã, Sônia esfrega com força meias e camisetas. Os braços pequenos mergulham as peças na água e colocam-nas de volta na tábua. Aos cinco anos, a menina já está aprendendo uma das obrigações das mulheres guaranis. Não levanta os olhos para protestar. Sem falar nem entender português, apenas sorri na presença de olhares curiosos.

O cotidiano das crianças nas aldeias segue uma ordem silenciosa. Duas ou três palavras em língua guarani, proferidas quase sempre em voz baixa, são suficientes para que os pequenos sigam os pedidos dos mais velhos. Não há gritos entre pais e filhos. As crianças aprendem desde cedo a seguir antigos costumes.

Na grande maioria das reservas — com exceção de Guarani Votouro, em São Valentim — crianças e adolescentes não frequentam escolas convencionais. Os guaranis não aceitam as lições de matemática, português e ciências dos professores. Preferem preservar sua língua e religião e deixar que a natureza ensine o resto. "Eles aprendem pela cabeça, com os mais velhos", diz o cacique Avelino Gimenez, de Barra do Ouro.

As brincadeiras misturam-se ao trabalho e ao aprendizado naturalmente. "A divisão entre trabalho e lazer das crianças, bem clara na nossa sociedade, não existe entre os guaranis", diz o arqueólogo José Otávio de Souza, professor-substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Uma tripa divertida de crianças agachadas costuma desfilar pelas aldeias cantando uma música em guarani que fala da chuva.

Andarilhos montam ponto de parada

Os motoristas que atravessam em alta velocidade a ponte sobre o Rio Jaguarizinho, na RS-241, na Fronteira Oeste do Estado, só enxergam cestos com coloridos geométricos presos a galhos de mirradas árvores. Quem passa depressa sobre as águas escassas não vê a minúscula aldeia guarani que existe por trás da mata de beira de estrada. Duas casas construídas com troncos abrigam a família do cacique Cipriano Fernandes, que há mais de dois anos vive em um ponto de parada tradicional dos índios andarilhos.

Embora o espaço do acampamento seja pequeno, os índios se esforçam para manter os costumes na margem do asfalto. Uma pequena roça de milho foi plantada a poucos metros da estrada. "A gente colhe todo ano", conta o cacique, em um português complicado, misturado com guarani e com espanhol. O milho é sagrado. Os guaranis acreditam que ele é um presente dos deuses e por isso deve ser cultivado todos os anos, "para não terminar".

O terreno onde convivem sete adultos e cinco crianças é reconhecido pela Funai como área indígena, mas ainda não foi analisado por uma equipe especializada. É provável que o ponto de parada na RS-241 faça parte de antigas rotas de migração dos guaranis. "Eles seguem rotas e elegem um local com recursos naturais e onde sejam aceitos pela comunidade vizinha", explica o arqueólogo José Otávio de Souza, professor-substituto da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. "Ao escolher, se apropriam simbolicamente do lugar".

A aldeia de Jaguarizinho, como é conhecida, fica a menos de 10 quilômetros do centro do município de São Francisco de Assis, mas na cidade pouca gente mantém contato com os índios. O cacique costuma caminhar até o Centro para buscar pão e alimentos. Leva junto uma ou duas crianças para ajudar. Enquanto faz as compras, conversa o mínimo com os funcionários do Armazém Franciscano. Percorre em silêncio os corredores. As crianças caminham atrás, quietas.

O dinheiro para a alimentação sai normalmente da venda de artesanato para os viajantes do asfalto. A rodovia transformou-se no meio de sobrevivência da aldeia. "A gente vende pouco", reclama o cacique, o único autorizado a falar com os visitantes. A fabricação de artesanato é dividida entre homens e mulheres. Os preços dos cestos grandes variam entre R\$ 10,00 e R\$ 15,00, de acordo com a pintura e o tamanho. O processo todo — cortar a taquara, preparar, trançar e pintar — pode levar até três dias.

Quando não estão fabricando cestos ou preparando a comida, as mulheres da pequena aldeia vão pescar nos açúdes das fazendas da região. Em alguns deles, os proprietários colocaram placas com um aviso claro: *É proibido pescar*. As índias ignoram as determinações, atravessam o asfalto e embrenham-se nas matas à procura de um recanto tranquilo. Os matos que circundam a reserva não são densos e isolados como os de Barra do Ouro, mas ainda fornecem tatus e coatis. Quando um desses animais é destruído por uma armadilha, o *mundêu*, a refeição cotidiana transforma-se em banquete.



Nômades: os guaranis costumam perambular pelas estradas em busca de locais adequados ao seu modo de vida

Nômades deixam vestígios nas aldeias

Três casas abandonadas, um pilão, uma chaleira preta e um par de chinelos sujos espalhados no mato desenhavam o cenário da reserva indígena de Salto do Jacuí, a 350 quilômetros de Porto Alegre, no início de setembro. A pequena aldeia rodeada por eucaliptos, no meio de uma usina hidrelétrica, é um símbolo do nomadismo que caracteriza os *mbyás*. Diferentes grupos de índios chegam à reserva, erguem casas, plantam em pequenas roças e vão embora depois de um ou dois anos. Quando saem da aldeia e caminham em direção a uma nova terra, deixam para trás casas

vazias e objetos largados no mato. Vestígios dos índios andarilhos.

A reserva de 238 hectares, antigo ponto de parada dos *mbyás*, hoje está dentro da área da usina hidrelétrica da Companhia Estadual de Energia Elétrica (CEEE). Os técnicos da Funai já identificaram a região como terra indígena. A convivência entre flechas, armadilhas, turbinas, motores e represa é pacífica. Os funcionários da companhia estão acostumados a encontrar, entre os eucaliptos ou à beira do Rio Jacuí, os índios quietos. "Eles não incomodam, e só de vez em quando aparecem para

vender artesanato", conta João Salvador, chefe da Seção de Apoio Comunitário da CEEE.

Na mata que circunda a hidrelétrica, os guaranis encontram árvores frutíferas, espaço para plantar, tatus e veados para caçar. Depois de um determinado tempo, o cacique decide ir embora e os familiares o seguem. As casas serão reconstruídas em outra área. Os objetos ficarão na aldeia, atirados no chão — serão, por certo, utilizados pelo próximo grupo que chegar à reserva e iniciar mais uma vez o ciclo de ocupação de Salto do Jacuí.